

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: ITINERÁRIOS DE UMA VIAGEM DE EDUCADORES DE INFÂNCIA NA FORMAÇÃO INICIAL

Maria Cristina Parente

Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC)
Instituto de Educação – Universidade do Minho
cristinap@ie.uminho.pt

Resumo

Pretende-se neste artigo descrever um itinerário de formação inicial de educadores, no domínio da avaliação na educação de infância, desenvolvido no contexto do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo.

Apresentam-se e discutem-se os principais momentos do processo de formação e identificam-se alguns andaimes relevantes, a saber: reconstrução do conceito de avaliação, conhecer os procedimentos e as estratégias de avaliação de algumas perspectivas e abordagens pedagógica selecionadas, reconhecer as suas principais características e semelhanças e, ainda debater as práticas de avaliação em contexto à luz da compreensão de avaliação (re) construída.

A análise do processo mostra que os estudantes construíram algumas aprendizagens que consideraram relevantes no domínio da avaliação na educação de infância, descobriram o potencial da avaliação formativa alternativa para as crianças, para os educadores, para os pais e, perceberam a necessidade de continuarem a investir na formação, no domínio da avaliação das crianças e do contexto, como garante da construção da qualidade.

Palavras-chave: Avaliação na educação de infância; Formação inicial de educadores; Concepções e práticas de avaliação.

Abstract

This article is intended to describe a process of initial teacher training in the field of assessment in early childhood education, developed in the context of the Master

Degree in pre-school and Basic Education (primary school)

Presents and discusses the key moments of the training process and identifies some relevant to the scaffolding process, namely reconstruction of the concept of assessment, know the procedures and assessment strategies of some selected perspectives and pedagogical approaches, recognize their characteristics and similarities, and also discuss the practical assessment in the light of understanding the of assessment (re) built.

The analysis of the process shows that students built some learning they considered relevant in the field of assessment in early childhood education; discovered the potential of alternative formative assessment for children, for early childhood teachers, for parents, and realized the need to continue to invest in training on assessment of children and context, as a guarantee of quality construction.

Keywords: Assessment in early childhood education; Initial training of early childhood teachers; Conceptions and practices of assessment.

Introdução

A avaliação é uma componente central em qualquer etapa educativa. Avaliação e a documentação da aprendizagem na educação de infância é uma questão pertinente e discutida a nível internacional (Basford e Bath, 2014).

Em Portugal, é sobretudo a partir de 1996, com as importantes mudanças ocorridas ao nível das políticas educativas para a infância e para a educação pré-escolar¹ que a avaliação começa a ser perspectivada como uma dimensão

¹ Destacam-se, entre outros, o Programa de Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar (1996); Lei-quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº 5/97) que identifica a educação pré-escolar como 1ª etapa da educação Básica (1997); Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) nas quais a avaliação dos processos e dos efeitos das opções educativas é apresentada como uma etapa fundamental para assegurar a intencionalidade educativa que caracteriza a atividade profissional do educador; a integração da educação pré-escolar e do ensino primário em Agrupamentos Escolares (1997); publicação dos perfis de desempenho dos educadores de infância (2001) com referências explícitas às competências de avaliação.



pedagógica importante.

Nos anos mais recentes a questão tem vindo a ser objeto de algumas pesquisas (Guimarães e Cardona, 2012; Oliveira-Formosinho 2002, 2009; Parente, 2004; Portugal e Leavers, 2010) e projetos como o Projeto AREA (Avaliação Reguladora do Ensino e Aprendizagem – 2010)² e o Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias – DQP (Bertram e Pascal, 2009) contribuindo para promover a discussão à volta das especificidades que as práticas educativas de avaliação incorporam nos contextos de educação de infância.

Estas mudanças também se registam ao nível dos documentos oficiais que variam desde documentos onde não existia qualquer menção à avaliação (estatuto dos jardins de infância), passando por documentos que referem a avaliação sem especificar o conceito, até a um documento mais recente do Ministério de Educação (2011)³ que se refere explicitamente à avaliação na educação pré-escolar. Nesta Circular é apresentada a especificidade da avaliação na educação pré-escolar, a sua dimensão marcadamente formativa, as finalidades e os princípios de avaliação e os possíveis intervenientes na avaliação no contexto da educação pré-escolar. As dimensões, os procedimentos e os momentos de avaliação são outros aspetos abordados nesta Circular.

Pese embora estas mudanças, a questão da avaliação na educação de infância continua a comportar grandes desafios, nomeadamente ao nível da formação inicial e contínua (Guimarães e Cardona, 2012) e como bem explicita Oliveira (2012), é fundamental reconhecer o papel da formação e das propostas pedagógicas discutidas no contexto da formação inicial, nomeadamente para a questão da avaliação das crianças e do contexto.

Consciente da importância que a formação inicial e contínua pode ter para as conceções e práticas de avaliação na educação de infância apresenta-se um itinerário de formação inicial, no âmbito do Mestrado em Ensino (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo) desenvolvido no âmbito de uma unidade Curricular⁴, e identificam-se e discutem-se alguns momentos e andaimes significativos do processo de (re) construção do conceito e das práticas de avaliação de futuros

² Projeto que inclui todos os níveis de ensino coordenado por Leonor Santos

³ Circular 4/DGIDC/DSDC/2011

⁴ A Unidade Curricular chama-se Metodologia da Educação de Infância



educadores de infância.



Momentos Chave de Um Processo

A análise do itinerário de formação que se apresenta torna possível identificar alguns momentos, que se revelam fulcrais no processo de formação inicial de futuros educadores de infância no âmbito da avaliação das crianças e do contexto. De seguida apresenta-se e discutem-se os principais momentos.

A desconstrução e (re) construção de um conceito

O conceito de avaliação é polissémico e, por essa razão, mostrou-se pertinente começar por perguntar aos estudantes o que significava avaliação para eles. De imediato expressam as suas ideias, remetendo para as experiências anteriores e atuais de avaliação, reportando experiências de avaliação positivas e negativas que os marcaram como alunos. A docência é uma profissão que se aprende em todo o percurso escolar pela observação dos professores e pelo desempenho do ofício de aluno (Formosinho, 2013). As experiências de avaliação narradas são distintas; umas mais próximas de uma perspetiva tradicional de ensino e de aprendizagem centrada no professor e outras mais próximas de uma abordagem mais centrada nos alunos e mais consistentes com os princípios do sócio construtivismo e da participação dos alunos na avaliação. Esta partilha de experiências e identificação de algumas características dá o mote para a necessidade de um trabalho de clarificação, nomeadamente ao nível da avaliação na educação de infância.

De seguida abordou-se a compreensão de avaliação na educação de infância. O que se avalia? Para quê? Como? Os estudantes manifestaram algumas dúvidas e incertezas sobre estas questões. Entendem que a avaliação na educação de infância é uma dimensão pedagógica importante, entendem que deva ser uma avaliação diferente da tradicional, ainda, que não saibam bem como é que essa avaliação possa ser realizada. Também não têm certezas sobre o que pode e/ou deve ser avaliado no contexto da educação de infância.

Neste enquadramento, contextualiza-se a falta de tradição da avaliação na educação de infância (Saracho e Spodek, 1997; Seitz e Bartholomew, 2008; Zabalza, 2000;) e também, em Portugal (Guimarães e Cardona, 2012; Oliveira-Formosinho, 2002; Parente, 2004). Recorda-se a trajetória de mudanças ocorridas na educação pré-escolar a partir de 1996 e procura-se explicitar alguns dos fatores que contribuíram para as mudanças ao nível da importância atribuída a esta dimensão

pedagógica. Os estudantes são convidados a trabalhar em grupo a partir de textos selecionados. Pretende-se que a leitura dos textos promova uma reflexão acerca das ideias de criança que têm e de como aprendem as crianças competentes e com direitos, nomeadamente o direito a participar ativamente no processo de aprendizagem e, também na avaliação.

A discussão gerada permite aos estudantes identificar alguns fatores, como o desenvolvimento de novas conceções de avaliação baseadas nos pressupostos da avaliação alternativa e de uma nova visão de criança competente e com direito a participar no seu próprio processo de aprendizagem, ente outros, que contribuem decisivamente para a emergência de uma nova compreensão de avaliação, percebida como uma dimensão pedagógica com grande potencial para favorecer o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Debatem, também, os possíveis impactos das práticas de avaliação nas crianças explicitando que a avaliação pode influenciar os conteúdos do currículo, os modos como se ensina, o que as crianças aprendem, como aprendem e, mais relevante ainda pode influenciar a sua atitude e disposição para a aprendizagem.

O desafio de procurar explicitar melhor a compreensão de avaliação na educação de infância mantém-se e acentua-se. A leitura e reflexão partilhada de alguns textos favorece um percurso de clarificação da compreensão de avaliação na educação de infância.

Os estudantes mencionam autores e ideias sobre a avaliação na educação de infância que partilham e que reconhecem como importantes para a compreensão do conceito. Salientam uma visão da avaliação que se distancia da conceção de avaliação tradicional, centrada mais nos processos do que nos resultados (Carr, 2001, Drummond, 2005), que se inscreve na perspetiva de avaliação formativa alternativa (Fernandes, 2005) porque entendem ser mais consistente com os modos como a criança pequena aprende. Compreendem e evidenciam a visão de Drummond quando refere que: «as aprendizagens importantes são ricas, fortes e poderosas como as crianças que as realizam» (2005, p.17) o que implica a necessidade de os educadores ampliarem a relação entre o que pensam sobre as crianças e o modo como perspetivam a sua aprendizagem.

Desenvolvem com Gullo (1984) uma compreensão da avaliação como um processo contínuo que utiliza procedimentos para descrever os progressos realizados pela criança ao longo do tempo, como um processo compreensivo que procura



documentar as aprendizagens construídas pelas crianças e também as oportunidades dos contextos nos quais a criança está inserida e, ainda, como um processo integrado que faz apelo à necessidade de articular o currículo, as estratégias de ensino e aprendizagem e os procedimentos de avaliação. Reconhecem a necessidade de que os procedimentos e instrumentos de avaliação sejam coerentes com a visão que têm de ensino e aprendizagem porque compreendem que: «há uma estreita e inevitável relação entre o que decidimos avaliar e o que valorizamos mais na educação das crianças» (Shipman, 1987 citado por Drummond 2005, p.16).

Os estudantes também evidenciam o desafio que representa para o processo de avaliação na educação de infância as características e a complexidade das aprendizagens das crianças durante a infância, simultaneamente extensivas e complexas (Carr, 2001; Drummond, 2005; Fler e Richardson) e a consequente exigência de que a avaliação focalize simultaneamente na criança e no contexto procurando documentar as aprendizagens construídas individualmente e em grupo (Fler e Richardson, 2004), porque contexto e interações são dimensões chave para compreender a aprendizagem da criança.

Ressaltam, ainda, que o processo de avaliação deve contribuir para influenciar positivamente o modo como as crianças se veem como aprendentes, favorecer a participação das crianças na avaliação e focalizar-se nas estratégias de aprendizagem e na capacidade de resolução de problemas das crianças em vez de focalizar apenas no sucesso ou fracasso da realização de uma tarefa num dado momento. Nesta compreensão, apreendem que para tornar visíveis as aprendizagens das crianças são mais adequados procedimentos descritivos e narrativos que possibilitam a construção de uma imagem rica e compreensiva dos modos como a criança age, pensa e aprende, com recurso a diversos meios, simultaneamente, sensíveis e capazes de ter em conta a diversidade das crianças e os seus direitos, nomeadamente, de participar no processo de aprendizagem e de avaliação e, ainda, contribuir para suportar e estender as aprendizagens futuras.

Com esta compreensão alguns estudantes apresentam e refletem sobre a definição de avaliação apresentada por Drummond entendida como: «Os modos através dos quais, na nossa prática do dia-a-dia, nós observamos a aprendizagem da criança, esforçamo-nos por a compreender e depois fazemos um bom uso dessa compreensão» (2005, p. 13), porque em sua opinião, desafia os profissionais a pensar cuidadosamente sobre os usos que fazem dessa compreensão.

Procedimentos de avaliação: Procurar respostas para a complexidade

Chegados aqui os estudantes afirmam entender o conceito mas agora questionam-se sobre os modos possíveis de implementar a avaliação. Sabem que é uma competência sua, não apenas conceber e desenvolver o currículo mas, também, definir e desenhar um conjunto de procedimentos de avaliação compreensivo, coerente com as concepções e a pedagogia que defendem e adotam, com vista à construção de aprendizagens integradas. Então como fazer? Que procedimentos de avaliação são mais adequados para avaliar crianças destas idades? Que instrumentos de avaliação se podem usar? Como realizar uma avaliação que respeite as crianças e não tenha efeitos negativos na sua vida futura? Como é possível avaliar grupos de 25 crianças?

Neste enquadramento os estudantes são convidados a analisar as propostas, os procedimentos e os instrumentos de avaliação de alguns modelos e abordagens pedagógicas, nomeadamente do modelo curricular High/Scope, do modelo pedagógico de Reggio Emilia, da abordagem da Pedagogia em Participação, a conhecer as Histórias de Aprendizagem (Carr, 2001) e o Projeto: Desenvolvendo a Qualidade em Parecerias (DQP) (Bertram e Pascal, 2009).

A escolha destes referenciais justifica-se pelo facto de utilizarem procedimentos de avaliação que têm em conta uma abordagem construtivista de ensino e aprendizagem, serem sensíveis às crianças, possibilitarem a sua participação e, ainda, desenvolverem procedimentos de avaliação colaborativos nos quais as perspetivas das crianças, dos educadores e dos pais são tidas em consideração, ainda que de modos distintos.

Reconhecer as similitudes

Depois de um tempo de estudo sobre a avaliação implementada nestas abordagens e perspetivas os estudantes partilham as suas descobertas e procuram identificar e explicitar os pontos comuns e divergentes entre as abordagens analisadas.

A primeira semelhança que identificam é o facto de a observação se apresentar como um elemento importante e agregador de todas as perspetivas e abordagens. Tudo começa com a observação das crianças. A observação emerge como o ponto de partida, a primeira tarefa no processo de avaliação. Em qualquer uma das abordagens



o processo de avaliação é suportado na observação da criança e do contexto, realizada de forma contínua e sistemática e no dia-a-dia do jardim-de-infância, e não apenas na observação de algumas atividades isoladas.

Observar as crianças, recolher informação enquanto interagem e documentar o que estão a aprender sobre as crianças são um conjunto de etapas presentes em todas as abordagens e estabelecem a base para a tomada de decisões ao nível da planificação. O passo seguinte, também presente em todas as abordagens ainda que com ligeiras *nuances*, envolve os educadores a trabalhar e a pensar reflexivamente sobre as observações realizadas e documentadas para tomar decisões ao nível curricular com propostas pedagógicas concretas. Na continuidade desta reflexão, alguns estudantes referem as possibilidades dos Key Developmental Indicators (KDI's) para o processo de avaliação, mesmo para educadores que não adotam o modelo curricular High/Scope. Com efeito, os KDI's proporcionam aos educadores um "filtro" para observar a ação da criança, compreender essa ação e escolher as interações mais apropriadas (...) ajudam os educadores a atribuir significado ao que as crianças estão a fazer (Hohmman, Wiekart e Epstein, 2011).

Neste enquadramento os estudantes compreendem e ressaltam ser necessário que os educadores dispensem energia e atenção para planificar este processo e reconhecem a importância do estudo e treino nos diversos formatos de observação

Os estudantes apreendem, ainda, que todas as abordagens assentam na observação documentada e encontram o conceito de documentação pedagógica base da abordagem pedagógica Reggio Emilia e também da Pedagogia em Participação.

Aprendem com Hoyuelos que a documentação (...) supõe para Malaguzzi em primeiro lugar – a recolha sistemática através de diapositivos, fotografias, painéis, vídeos, palavras das crianças, produtos gráficos e implica a recolha sistemática dos processos educativos. É uma espécie de crédito ou testemunho (visual, audiovisual ou escrito) que dá identidade e expressão cultural à própria escola e a quem nela habita. Os documentos são as provas (testemunhos documentais) que tornam respeitável o trabalho com as crianças e o dignificam dando memória e consistência histórica" (2006, p. 197-198). Ao mesmo tempo realçam e ficam muito entusiasmados com o poder das imagens na documentação pedagógica.

Descobrem o potencial da documentação pedagógica para que crianças e educadores possam visitar o que aconteceu e atribuir novos significados às ações e interações. A participação das crianças na documentação pedagógica, através do

contraste de ideias e interpretações, favorece a transformação no processo de construção de conhecimentos e de identidade da criança (Rinaldi, 2006). A documentação pedagógica organizada e partilhada com crianças e com os pais constitui uma oportunidade para oferecer aos pais informações pertinentes e detalhadas sobre o que acontece no jardim-de-infância, conhecer as suas interpretações e, assim mais facilmente obter o seu apoio e envolvimento na educação da criança. Também, pode providenciar material e informações relevantes para acompanhar a criança na transição para o 1.º ciclo e, deste modo, contribuir para a articulação entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo.

Outra semelhança entre todas as abordagens reporta-se à dimensão dialógica e interativa do processo de avaliação. Este é entendido, no contexto destas abordagens, como um processo vivo que se desenrola ao longo do tempo com interpretações contínuas que se vão construindo e não, apenas com base em abordagens pontuais. É, também, percebido como um processo inclusivo que valoriza e convoca as múltiplas perspetivas das crianças, dos educadores, dos pais, outros adultos acerca do que as crianças estão a aprender.

Ainda outra semelhança entre as abordagens está relacionada com a importância da análise e reflexão em todo o processo. A avaliação na educação de infância não pode reduzir-se à utilização de uma grelha de observação previamente elaborada por especialistas, ou mesmo adaptada pelos educadores, porque as crianças e os seus contextos de vida são diversos e as aprendizagens construídas também. Os estudantes percebem que para avaliarem as aprendizagens das crianças de idade pré-escolar terão de utilizar procedimentos que permitam observar e documentar um processo dinâmico, capaz de acompanhar e incluir a trajetória diversa das aprendizagens das crianças construídas em múltiplos contextos e que, por essa razão, a avaliação não se pode limitar a verificar um conjunto de critérios previamente estabelecidos. Procurar estandardizar os resultados de avaliação significa reduzir um processo holístico e dinâmico a um número ou medida. Tal opção não faz justiça às capacidades e competências das crianças e em nada contribui para melhorar a qualidade das aprendizagens das crianças.

Implementar a avaliação no contexto de práticas

Os estudantes estavam colocados em jardim-de-infância a desenvolver a Prática de Ensino Supervisionada e, naturalmente no decurso das aulas em torno desta



temática, começaram a prestar ainda mais atenção ao assunto e a fazer perguntas aos educadores para conhecerem melhor as suas conceções e as suas práticas. Tiveram oportunidade de contrastar a compreensão da avaliação construída no decurso da unidade curricular quer com a realidade quotidiana do jardim-de-infância quer com a experiência de muitos anos de alguns orientadores cooperantes, especificamente as dificuldades decorrentes do número de crianças por sala e do rácio educador e crianças, a intensificação de tarefas dos educadores de infância, a diversidade de pedidos ao nível da avaliação por parte das direções dos Agrupamentos de Escolas e das Instituições de Solidariedade Social.

Identificar e conhecer algumas destas questões e dificuldades tornou possível um trabalho de análise das mesmas e o estudo fundamentado de respostas possíveis. Constituíram-se grupos de discussão apoiados que partilhavam experiências e práticas. Nestes encontros procurou-se criar um espaço privilegiado de interação social nos quais, através da ajuda do outro, cada estudante procurava reequacionar conhecimentos adquiridos e apropriar-se de outros, procurando soluções possíveis para os problemas que tinham encontrado. No contexto destes grupos os estudantes partilharam práticas, procedimentos e estratégias de observação, documentação e avaliação iluminadas pelas práticas observadas dos seus orientadores cooperantes e pelos referenciais teóricos e, ainda apoiados pela docente.

Os estudantes constataram, entre outras, a dificuldade de realizar a avaliação de cada criança da sala tendo em conta todas as áreas e domínios de conteúdo e, ainda, a diversidade de pedidos e solicitações ao nível da avaliação. Os jardins-de-infância da rede pública tendem a reger-se pelas orientações emanadas pela Circular do Ministério de Educação. Contudo, algumas direções de Agrupamentos de Escolas solicitam e pressionam os educadores para apresentarem resultados de avaliação das crianças em termos numéricos, por forma a incluir informações da educação pré-escolar no conjunto das médias de avaliação para todos os níveis de ensino que integram os Agrupamentos. As Instituições Privadas de Solidariedade Social sem fins lucrativos tendem a explicitar um conjunto de objetivos em função das idades das crianças, a partir dos quais os educadores desenham os Planos de Intervenção Individual (PLI's), que apresentam periodicamente aos pais e que devem pautar o trabalho e a avaliação dos educadores de infância. As Instituições Privadas de Solidariedade Social com fins lucrativos definem objetivos muito específicos para cada idade. Os educadores devem, no contexto da avaliação verificar se esses objetivos são cumpridos e se as crianças atingiram os objetivos desejados.

Neste contexto os estudantes admitiram a importância de conhecerem e analisarem as solicitações de diversas Instituições e, em conjunto, estudarem possíveis respostas capazes de integrar de modo coerente as solicitações das Instituições e as suas concepções de avaliação.

Os estudantes apreenderam, através da própria prática em contexto, que a avaliação das crianças requer, simultaneamente a observação e escuta do que a criança está a fazer e dizer e a procura de compreensão do seu significado. Recuperaram Dewey (1971) quando declara que a observação só por si não é suficiente mas que se tem de procurar compreender o significado do que se está a ver, ouvir e tocar. Nesta compreensão compreenderam que a avaliação vai muito para além de um educador a ver e a escutar, envolvendo também a análise, a interpretação e a reflexão para poder atribuir sentido ao que foi observado e escutado e, posteriormente, usar essa compreensão para ampliar as oportunidades de aprendizagem das crianças (Drummond, 2005). Descobriram a importância de usar uma variedade de estratégias para recolher, documentar e interpretar a informação e a necessidade de mais formação e treino no uso das diversas técnicas de observação e registo e nas estratégias de documentação. Recuperaram o potencial da documentação para conhecer mais sobre como as crianças pensam e aprendem e sobre a importância da análise, interpretação e reflexão em torno da documentação para promover novas aprendizagens às crianças. Descobriram que visitar o conjunto dos registos de observação e evidências documentadas, tendo em conta os conteúdos do currículo integrado, permite aos educadores conhecerem e compreenderem o trajeto das aprendizagens construídas pela criança e apreciar a sua própria ação pedagógica. Ao mesmo tempo, o conjunto de registos e evidências documentadas facilita a partilha da informação com outros atores. Envolver as crianças, os educadores, os pais possibilita a inclusão de diferentes perspetivas, que podem levar a uma compreensão mais profunda sobre a criança e sobre a continuidade do processo educativo.

Os estudantes identificaram a necessidade de aperfeiçoar a sua formação nas questões da observação, documentação, avaliação, mas também no âmbito de áreas e domínios de aprendizagem da criança com vista à construção de um currículo compreensivo.



A Concluir ...

Reconstruir a compreensão de avaliação na educação de infância não é tarefa fácil. Envolve a aprendizagem de uma competência profissional prática complexa e sofisticada no processo de construção do saber docente que como refere Formosinho (2013) é influenciado por várias fontes de influência. Pressupõe, ainda, uma atenção às crenças e concepções dos educadores sobre avaliação. Como afirma Tierney (2006) «mudar as práticas de avaliação dos professores não é simplesmente uma questão de melhorar a literacia da avaliação dos professores, através da realização de *workshops*, mas antes um processo compreensivo que requer uma mudança ao nível da concepções porque mudar as práticas de avaliação tem como consequência mudar as crenças sobre ensino e aprendizagem» (p.247).

Iniciou-se este desafio procurando criar um contexto que tornasse possível combinar o estudo de questões de observação, documentação e avaliação aos níveis teórico e prático e a partilha de experiências, dúvidas e questões que pudesse favorecer o desenvolvimento profissional destes estudantes no domínio da avaliação. Os testemunhos dos estudantes ajudam a compreender e a conhecer alguns dos seus efeitos:

“Durante o meu percurso escolar, a componente da avaliação nunca foi abordada com a profundidade devida, a não ser nesta UC. Tal como referem alguns autores, o conceito de avaliação pode originar muitas interpretações, e é um conceito complexo, deste modo considero importante que os alunos tenham a oportunidade de refletirem sobre esta componente ao longo da formação. (Andreia)

Estas aulas foram na minha perspetiva, muito interessantes mas, também, muito importantes para a minha formação. Apesar de considerar a avaliação muito importante em qualquer nível de ensino, não estava totalmente consciencializada para a importância da mesma na educação pré-escolar. Com estas aulas e o trabalho realizado fiquei, ainda, mais ciente da importância da avaliação no Jardim-de-Infância, de facto esta componente é fundamental para a nossa prática pedagógica.” (Sara)

No contexto do trabalho desenvolvido na unidade curricular, em torno da avaliação, os estudantes construíram aprendizagens e identificaram a necessidade de continuar a construir novas aprendizagens no âmbito desta temática. Tiveram oportunidade de implementar práticas de avaliação em contexto e conheceram e compreenderam o valor potencial da avaliação na educação de infância. Descobriram as potencialidades da avaliação na educação de infância, especificamente para

revelar o trabalho que crianças e adultos realizam no contexto do jardim-de-infância, tornar visíveis as aprendizagens construídas pelas crianças, proporcionar evidências que possam ser partilhadas com os pais e outros atores, celebrar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças e construir a qualidade. O testemunho da Sofia é revelador do processo de “aprender a avaliar” as crianças e o contexto:

“Estas aulas permitiram-me aprofundar os conhecimentos relativamente à avaliação, para além de me sensibilizar ainda mais para a importância da mesma. Através destas aulas e do trabalho realizado nas aulas compreendi de uma forma mais clara que a avaliação não está somente ligada às aprendizagens das crianças, mas também, à prática pedagógica e à qualidade do contexto.

Por outras palavras, ao avaliar as aprendizagens das crianças, inevitavelmente estamos a avaliar a nossa prática pedagógica, nomeadamente as oportunidades de aprendizagem que proporcionamos às crianças, as estratégias que usamos na proposta, a forma como as crianças corresponderam às atividades, formas de melhorar as mesmas... e podemos mostrar aos pais e outras pessoas o que as crianças aprenderam.” (Sofia)

E para terminar, o testemunho da Catarina que conosco partilha o desafio de uma primeira viagem numa rota quase desconhecida, mas também a esperança de uma viagem bem-sucedida que já tornou possível assinalar alguns” portos de abrigo” num mapa, ainda, em expansão:

“Para mim estas aulas representaram a primeira viagem por mares que, felizmente, já começaram a ser navegados: a avaliação na educação de infância. (...) Foi uma viagem com começo (...) e um fim que não está facilmente à vista. (...) Mas, à semelhança dos navegadores que dobraram o Cabo das Tormentas, posso, a partir do que aprendi ao longo deste semestre, começar por vislumbrar uma terra de oportunidades e começar a chamar à avaliação o Cabo da Boa Esperança.” (Catarina)

Referências Bibliográficas

Azevedo, A. (2009). *Revelando a aprendizagem das crianças: a documentação pedagógica*. Tese de Mestrado em Educação de infância Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Azevedo, A. e Oliveira-Formosinho, J., (2008). A documentação da aprendizagem: a voz das crianças. In J.Oliveira-Formosinho (Org). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.

Basford, J. e Bath, C. (2014). Playing the assessment game: an English early childhood education perspective. *Earl Years*, (34), 119-132.

Bertram, T. e Pascal; C. (2009). *Desenvolvendo a qualidade em parcerias: Manual*



- DQP. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC.
- Carr, M. (2001). *Assessment in early childhood settings: Learning stories*. London: Paul Chapman Publishing.
- Dewey, J. (1971). *Experiência e educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Drummond, M. (2005). Avaliar a aprendizagem das crianças. *Infância e Educação. Investigação e Práticas*, 7, 7-22.
- Fleer, M. e Richardson, C. (2004). Mapping the transformation of understanding. In A. Anning, J. Cullen e M. Fleer (Eds.), *Early childhood education: Society and Culture* (pp. 119-133). London: Sage Publications.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas*. Cacém: Texto Editores.
- Formosinho, J. (2013). Prefácio. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação*. (pp. 9-24). Porto: Porto Editora.
- Guimarães, C. e Cardona, M.J. (Orgs). (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.
- Gullo, D. (1994). *Understanding assessment and evaluation in early childhood education*. New York: Teachers College Press.
- Hohmann, M., e Weikart, D., e Epstein, A. (2008). *Educating young children: active learning practices for preschool and child care programs*. Ypsilanti: High/Scope Press.
- Hoyuellos, A. (2004). *La ética en el pensamiento e obra pedagógica de Loris Malaguzzi*. Barcelona: Rosa Sensat-Octaedro.
- Oliveira, Z. (2012). Prefácio. In C. Guimarães e M. J. Cardona, (Orgs.) (2012). *Avaliação na Educação de Infância*, (pp.17-19). Viseu: Psicosoma.
- Oliveira-Formosinho, J. (2002). A avaliação alternativa na educação de infância. In J. Oliveira-Formosino (org.), *A supervisão na formação de professores I. Da sala à escola* (pp. 144-165). Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.) (2009). *Desenvolvendo a qualidade em parcerias: estudos de caso*. Lisboa: Ministério da Educação (DGIDC)
- Oliveira-Formosinho, J e Parente, C. (2005). Para uma Pedagogia da Infância ao Serviço da Equidade. *O Portfolio como visão alternativa da avaliação. Infância e Educação. Investigação e Práticas*, 22-46.
- Parente, C. (2010). Avaliação: observar e escutar as aprendizagens das crianças. *Cadernos de Educação de Infância*, 89, 34-37.

- Parente, C. (2010). A Documentação Pedagógica no Contexto da Avaliação na Educação de Infância. In M^a P. Alves, E. Machado e J. A. Fernandes (Orgs), *Avaliação e Currículo: Actas do 22º Colóquio Internacional da ADMEE-Europe* (pp.540-548). Braga: CIED/ IE/U.M. (CD ROM – ISBN -978-972-8746-84-1)
- Parente, C. (2004). *A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia da infância: Sete jornadas de aprendizagem*. Dissertação de doutoramento. Universidade do Minho: Braga
- Portugal, G. e Leavers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar. Sistema de Acompanhamento de Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Puckett, M. e Black, J. (2000). *Authentic assessment of the young child: Celebrating Development and Learning*, (2^a ed.). New Jersey: Merrill Prentice Hall.
- Rinaldi, C. (2006). *In dialogue whit Reggio Emilia: Listening, researching and learning*. London: Routledge.
- Santos, L (org.) (2010). *Avaliar para Aprender. Relatos de experiências de sala de aula do pré-escolar ao ensino secundário*. Porto: Porto Editora.
- Saracho, O., e Spodek, B. (1997). Introduction. In B. Spodek e O. Saracho (Eds.), *Issues in early childhood educational assessment and evaluation* (pp. 1-6). New York: Teachers College Press.
- Seitz, H. e Bartholomew, C. (2008). Powerful Portfolios for Young Children. *Early Childhood Education Journal*, 36:63-68.
- Tierney, R. (2006). Changing practices: influences on classroom assessment. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 13: 3, 239-264
- Zabalza, M. (2000). Evaluación en educación infantil. *Perspectivar Educação*, 6, 30-55.